

MEDIÇÃO E TOPOGRAFIA
CONVENÇÃO ACEITA NO X CONGRESSO

Um dos grandes passos do X Congresso Nacional de Espeleologia foi acertar o método e os termos quanto a elaboração de levantamentos topográficos das cavernas. Ficou acertado que os mapas devem ser feitos na escala de 1:1000, e só nos casos especiais como grutas muito pequenas ou em trabalhos detalhadas 1:500 ou 1:250.

Na planta deve constar ainda o nome do topógrafo e da sociedade ou grupo e ainda data da exploração. Deve ter ainda a escala comparativa e a localização exata em graus, minutos e segundos.

Num canto devem constar as características principais de topografia como extensão horizontal, extensão vertical e desenvolvimento.

Para maior compreensão os termos acima ficaram assim definidos:

DESENVOLVIMENTO: soma das visadas poligonal topográfica acompanhando o eixo da galeria (ou o maior salão) em planta.

EXTENSÃO HORIZONTAL: a maior distância horizontal entre os dois pontos da caverna em planta.

EXTENSÃO VERTICAL : A maior distância vertical entre dois pontos da caverna em corte.

ALTURA : O termo ALTURA só se aplica a uma galeria ou salão, indicando a MAIOR DISTÂNCIA entre o plano da base dessa galeria e o seu teto.

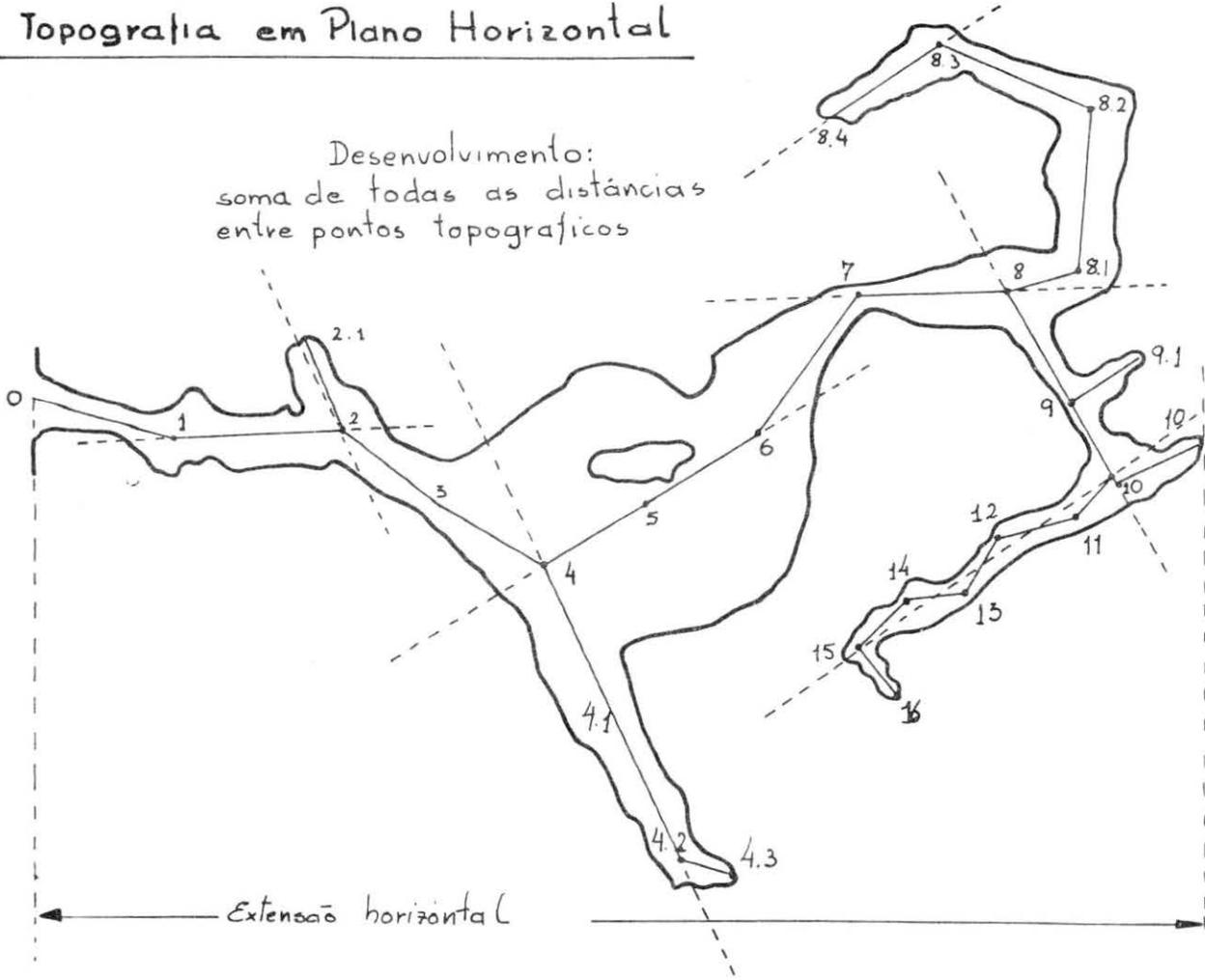
DESNÍVEL : Designa a maior diferença de cota existente entre o piso da mais alta galeria da caverna e o piso mais baixo da mesma (galeria, salão, poço, etc.)

PROFUNDIDADE : Este termo, como o termo altura, aplica-se à abismos e fossos internos. Profundidade é maior distância entre o plano do chão da galeria ou salão e o plano do fundo do abismo ou também o desnível de um abismo externo.

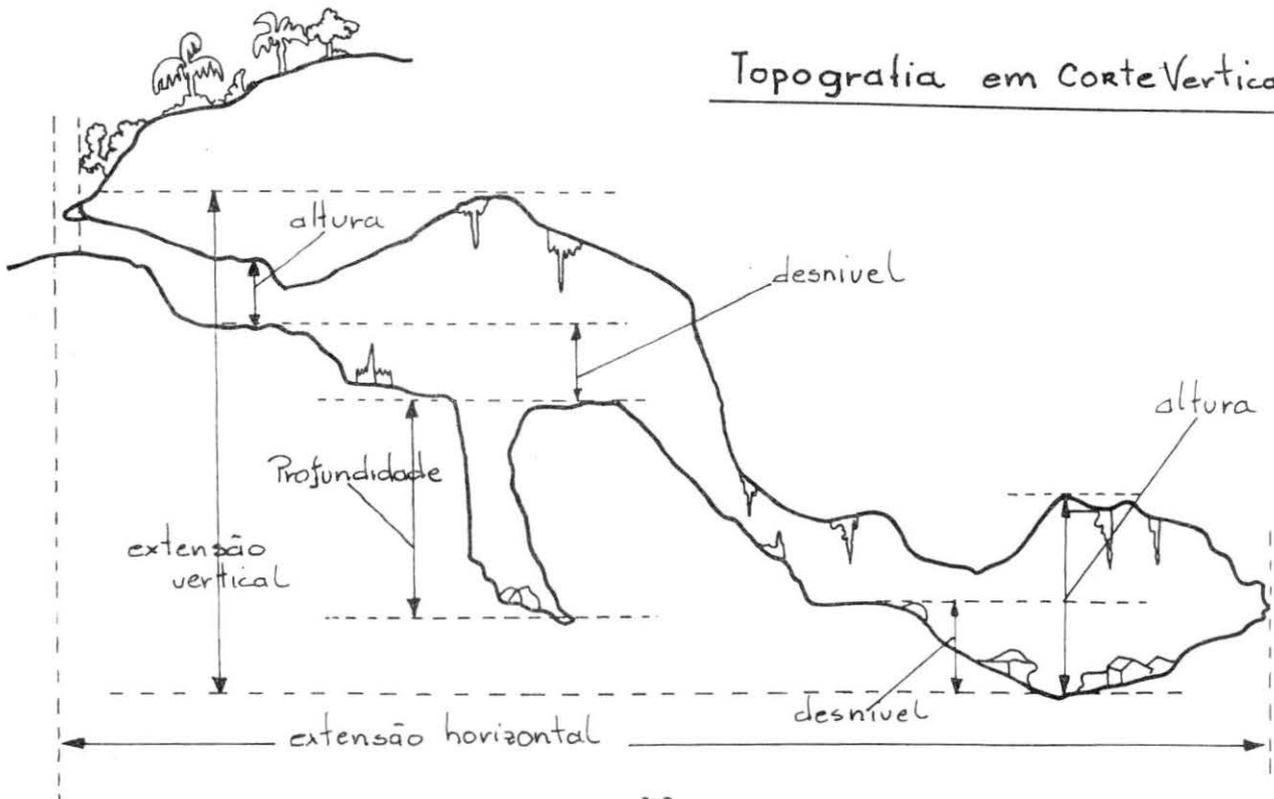
Ver desenho na página seguinte

Topografia em Plano Horizontal

Desenvolvimento:
soma de todas as distâncias
entre pontos topográficos



Topografia em Corte Vertical



Tendo sido estandardizada a elaboração de mapas topográficos das cavernas, facilitar-se-á em muito o trabalho de cadastro das grutas - sem falar na simplificação, na preparação dos mapas para publicações, boletins e revistas.

P.S./DDD

oooo 0000 oooo

CRITÉRIO DE CLASSIFICAÇÃO DE CAVERNAS

A Escola Francesa de Espeleologia propôs recentemente ao Comitê Diretor do Conselho da Federação um texto versando sobre normas aplicáveis à classificação de grutas e cavernas numa determinada região. Parece-nos interessante publicar nesta folha um resumo do referido objeto, porquanto alguns critérios nele apontados poderiam com interesse ser adotados no Brasil. Haveria, com efeito, boas razões para justificar uma tentativa de elaborar-se uma classificação de cavernas pelo seu potencial de aproveitamento, quer turístico, quer como campo de treinamento (Objetivando a formação técnico-esportiva de novos espeleólogos), quer como campo científico (observações físicas, coleta de fauna e flora, etc), ou mesmo de exploração pura. O critério assumido pela Escola Francesa de Espeleologia foi o seguinte:

1. GRUTAS DESTINADAS A INFORMAÇÃO

1.1. Grutas turísticas providas de instalações.

Nas cavernas que já dispõem de infraestrutura adequada, os visitantes são geralmente acompanhados de um guia ou de um espeleólogo, afim de mostrar e explicar alguns fenômenos - relativos à formação e ou evolução dessas cavidades. A própria existência de instalações elimina toda e qualquer dificuldade de percurso. Geralmente, há iluminação.

1.2. Grutas de tipo turístico sem instalações.

As visitas devem ter a supervisão e orientação de um espeleólogo veterano para cada 5 participantes, com um mínimo de 2 instrutores. Trata-se de cavernas desprovidas de maiores dificuldades: não há descida de abismos verticais, não há uso de escadas metálicas ou botes pneumáticos; não